

A CARTA DE FÉRULA

A caligrafia angulosa, o papel de linho cor de ossos lavados, o perfume quase extinto de água-de-colônia — tudo era familiar. Mas havia algo na dobra do envelope, uma tensão, talvez, como se as palavras lá dentro se esticassem contra o papel, querendo fugir.

Férula não era dada a sentimentalismos. Suas cartas eram secas como os invernos do sul, cheias de notícias burocráticas sobre a casa, os criados, os velhos retratos que insistiam em cair das paredes. Escrevia como se prestasse contas de uma herança que nunca quis administrar, como se a vida que levou fosse sempre a continuação exata da vida que nunca escolheu.

Mas naquela tarde, em que o sol caía preguiçoso entre os jasmims da varanda, eu soube. Soube antes de rasgar o lacre que não era mais uma carta. Era uma fresta. Um portal. Uma ferida.

Sentei-me na cadeira de vime onde meu pai costumava cochilar e deixei que o silêncio do campo me envolvesse. Lembrei da última vez que a vi: vestida de negro, mesmo em pleno verão, os olhos miúdos cravados em mim como se ainda tentasse entender minha ausência. Minha ausência de tudo: da casa, da mãe, do nome.

O envelope se abriu fácil. Dentro, apenas uma página, escrita dos dois lados. E logo na primeira linha, Férula quebrava todos os protocolos: “Perdoa-me”. Três palavras. Três torres desabando no meio do meu peito. A mulher que jamais dissera “me desculpe” nem quando esbarrava num móvel, agora implorava por perdão. Continuei lendo, e quanto mais lia, mais os contornos da minha história mudavam. Ela confessava. Contava verdades que jamais ousara dizer. Sobre minha mãe. Sobre meu nascimento. Sobre as cartas que queimou antes que eu pudesse ler. Sobre o amor — ou o pavor — que a impediu de me deixar partir.

Na última frase, ela revelava que estava morrendo. Que escrevera não por remorso, mas por medo. Medo de partir levando consigo o peso de ter sido, sempre, uma ponte partida.

Dobrei a carta com as mãos trêmulas e, pela primeira vez em anos, chorei por ela. Não de raiva. Não de mágoa. Mas de espanto. A vida nos surpreende tarde demais. Quando o tempo já se escondeu sob os móveis, e as palavras que deviam ser ditas sussurram em papéis amarelados.

Desde aquele dia, nada mais foi igual. Voltei para a casa da infância. Dormi no quarto dos azulejos azuis. Sentei-me à mesa onde tantas vezes me calei. E ali, no silêncio que Férula deixara, reencontrei o som mais raro do mundo: o som de alguém que, mesmo depois da morte, ainda pede para ser escutada.